

AFILOSOFIANA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS



Imagem retirada do Facebook do Filme: “Só dez por Cento é Mentira”, de Pedro Cezar.

Por Francisco Damasceno

Abordaremos aqui a poética de Manoel de Barros, mais especificamente o poema *Retrato Quase Apagado em que se Pode Ver Perfeitamente Nada*. É interessante notar que, a exemplo de outros poemas e até mesmo de um livro de Manoel de Barros, este poema também é um retrato. Podemos dizer que Barros faz uma poesia fenomenológica, descritiva. O poeta evoca imagens, ao mesmo tempo em que cria novas imagens, como um poeta fotógrafo ou um fotógrafo poeta. Mas este é um retrato quase apagado em que, no entanto, se pode ver perfeitamente nada. As imagens criadas ou evocadas são, portanto, imagens surreais.

O poema *Retrato Quase Apagado em que se Pode Ver Perfeitamente Nada*, do livro *O Guardador de Águas*, encontra-se também em *Gramática Expositiva do Chão (Poesia Quase Toda)*, versão utilizada neste artigo.

Logo no início da composição do retrato do poeta, Barros escreve: “Não tenho bens de acontecimentos. O que não sei fazer desconto nas palavras. Me acho em petição de lata.” Isso nos lembra um outro Manoel, o poeta Manuel Bandeira, no poema *Auto-retrato*, quando diz:

*Poeta ruim que na arte da prosa
envelheceu na infância da arte,
e até mesmo escrevendo crônicas
ficou cronista de província;
arquiteto falhado, músico,
falhado (engoliu um dia
um piano, mas o teclado ficou de fora);...
e em matéria de profissão
um tísico profissional
(Bandeira, 1961, p. 227).*



Imagens retiradas do Facebook do Filme: “Só dez por Cento é Mentira”, de Pedro Cezar.

Assim como Bandeira, Barros também se compõe de palavras e vai entesourando frases: “Imagens são palavras que nos faltaram. Poesia é a ocupação da palavra pela imagem. Poesia é a ocupação da imagem pelo Ser.” Como não ouvir Heidegger nestes versos, ou quando o poeta, no *Livro sobre nada*, afirma: “Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira” (Barros, 2002, p. 67). Em *A origem da obra de arte*, Heidegger diz: “A verdade, como a clareira e ocultação do ente, acontece na medida em que se poetiza. Toda a arte, enquanto deixar-acontecer da adveniência da verdade do ente como tal, é na sua essência poesia” (Heidegger, s\l, p. 58). A última estrofe do poema inicia-se com um verso que nos remete diretamente para a filosofia de Deleuze e Foucault: “Eu sou o medo da lucidez.”

Nos versos de Barros, o eu-poético, o mundo, as coisas, a natureza e a linguagem aparecem destituídas de essências. “Pensar é uma pedreira. Estou sendo.” Estas frases nos remetem ao existencialismo na sua tese principal: “a existência precede a essência” (Sartre, 1987, p. 5-6). O poeta não diz sou isto ou sou assim. Ele diz estou sendo. Não há uma essência pré-estabelecida nas coisas. E a tarefa de pensar essas essências não atrai o poeta. É uma pedreira. “Assim, ao poeta faz bem desexplicar – tanto quanto escurecer acende os vagalumes.” No *Livro sobre nada*, ele nos diz: “Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar noção” (Barros, 2002, p. 68).

O poeta estabelece uma relação direta com as coisas (em-si): chuva, árvores, pássaros, pedras, rio, telhado, lata, água, casa, baratas, lodo, formigas, rãs, trampas. Diante da inutilidade dos entes, redescobrimos a transitoriedade e a mutabilidade do ser. Manoel de Barros é o poeta do inutensílio, das gratuidades, do nada, dos pobres-diabos, dos trolhas, dos andarilhos, dos tontos, dos bocós, das crianças, e dos bêbados. Mas é também o poeta do que todos consideramos como sórdido, sujo: formigas, rãs, lixo, trampas. A escolha que Barros faz por tudo que a sociedade capitalista despreza é uma crítica à destruição da natureza, da vida e do ser humano.

A postura do poeta diante da vida revela-nos uma inspiração libertária (ou anarquista), em que a liberdade absoluta é exercitada através da reinvenção da linguagem e das palavras. Percebemos na sua poética a influência da filosofia sartriana da liberdade, onde a consciência é o sujeito em ação e a existência do homem é vazia do ser; mas aberta às possibilidades, sem limites.

O sentido normal das palavras não faz bem ao poema.

Há que se dar um gosto incasto aos termos.

Haver com eles um relacionamento voluptuoso.

Talvez corrompê-los até a químera.

Escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los.

Não existir mais rei nem regências.

Uma certa luxúria com a liberdade convém.

Barros propõe um novo estágio às *Metamorfoses* de Ovídio: a criação de uma linguagem própria para as novas espécies, um dialeto coisal, larval, pedral, etc., que corresponderia a uma língua inaugural. Estes dialetos teriam características madrugentas, adâmicas, edênicas, inaugural. “Que os poetas aprenderiam – desde que voltassem às crianças que foram, às rãs que foram, às pedras que foram.” Mas para isso precisaríamos reaprender a errar a língua.

Através da cultura o homem se afasta desse estado de inocência, cria um sujeito que “contamina” as palavras. A volta a esse estágio inaugural é possível pela poesia. A palavra poética é que pode dar acesso ao verdadeiro ser das coisas e de tudo, pois criação e palavra praticamente se confundem. Na poética de Barros, a recriação do mundo apresenta-se como uma possibilidade estética e existencial dos homens e do poeta, em particular.

No que o homem se torne coisal,

Corrompem-se nele os veios comuns do entendimento.

Um subtexto se aloja.

Instala-se uma agramaticalidade quase insana,

Que empoeira o sentido das palavras.

Aflora uma linguagem de defloramentos, um

Inauguramento de falas

Coisa tão velha como andar a pé

Esses vareios do dizer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Manuel. *Antologia Poética*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1961.

BARROS, Manoel de. *O guardador de águas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão: poesia quase toda*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. p.276-278.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Tradução Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, s/d.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução Rita Correia Guedes. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.